

Paisagens Culturais e Património da Mafalala: A Casa de Eusébio

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.48.20>

Dulámito Ardichir Aminagi

Instituto de Investigação Sócio Cultural (ARPAC), Maputo, Moçambique
mitodula@yahoo.com.br

Resumo

No decurso das actividades de inventariação do Património Cultural Imaterial (PCI), no Bairro da Mafalala, realizado pelo ARPAC (Instituto de Investigação Sócio Cultural), em agosto de 2016, no âmbito da implementação da convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) de 2003, e defronte da casa de Eusébio ou ruínas desta, fomos interpelados por um indivíduo, identificado como guarda do local, que nos proibiu de tirar imagens, quer filmicas, assim como fotográficas, alegadamente, porque não tínhamos autorização para tal. Isto impeliu-nos, por um lado, a tentar perceber como é que aquele lugar, em ruínas, era designado património e estruturava a memória colectiva do bairro. Quer dizer, compreender esta capacidade da memória de transitar gerações sem uma existência concreta que objectifique sentido e simbologia do lugar, ou seja, como é que “lugares abstractos” alimentam a memória e história da Mafalala. E, por outro, e alicerçando-nos nas perspectivas culturais de Geertz (1973) e de Crane (1994), como organização de padrões com dimensões simbólicas, ambas elencadas na memória, como elemento crucial de constituição de todos processos sociais, procura-se perceber e compreender a casa de Eusébio como um suporte e veículo de uma memória flutuante.

Palavras-chave

história, lugares de memória, identidade

Introdução

As pessoas que contrataram o guarda, que nos interpelou, para zelar por aquele lugar pretendem transmitir, implicitamente, a ideia de que, independentemente de

existência física ou não, aquele lugar deve ser preservado. Os valores ancorados nesta ideia transcendem a fácil percepção de necessidade de preservação apenas de um espaço, mas, e acima de tudo, ancoram pretensamente, um desejo de imortalizar e patrimonializar o lugar, apesar da ausência de uma objectivação simbólica.

O conteúdo da acção daquele guarda, quando nos proibiu de tirarmos imagens, quer fotográficas, assim como fílmicas, é responsável por estas linhas por me impelir a abordar a questão dos *lugares da memória*, objectivados pelas ruínas que ainda sobram da casa. Como também está prenhe de ilações que me permitem viajar para as noções e capacidades da memória, em se fazer presente em diferentes categorias temporais (passado, presente e futuro) sem um invólucro, que lhe carregue, transporte e lhe coisifique existência.

Assim, constitui meu objectivo principal compreender a casa de Eusébio como suporte e veículo de uma memória flutuante, com base numa acepção funcionalista da cultura, com dimensões simbólicas. Quer dizer, partindo de apreensões de memórias, pretendo compreender o facto daquela casa que, não existindo materialmente, é continuamente e objectivamente designada património, estruturando, com efeito, a história e memória identitária colectiva dos moradores do bairro, e não só. Especificamente, pretendo analisar esta capacidade da memória em transitar gerações sem uma existência concreta que lhe objectifique sentido e simbologia do lugar, ou seja, como é que um determinado espaço abstracto, alimenta retroactivamente a história e memória da Mafalala.

Esta constatação etnográfica, apreendida aquando da realização do Inventário do Património Cultural Imaterial, no Bairro da Mafalala, pode ser operacionalizada a partir de uma abordagem do fenómeno da memória e sua conexão aos lugares de memória. Deste modo, percebe-se a característica e importância dos lugares de memória, partindo de uma organização de padrões simbólicos, onde a experiência individual adquire significados colectivos. E isto só é possível centrando-se na memória e não nas estruturas sociais e nos sistemas normativos, quer dizer, priorizando a prática e expandindo a noção funcionalista da cultura, já com dimensões simbólicas, que, no fundo, são os substractos de todos os processos sociais.

Da Memória aos Lugares de Memória

A casa de Eusébio, ou ruínas que ainda sobram dela, permite contemplar, abstractamente, a sua memória, a partir das peripécias que são contadas sobre ele, principalmente, referentes ao facto de ele ter nascido ali, ter jogado futebol no campinho da Mafalala e, por via disto, ter sido uma grande estrela, do Sport Lisboa e Benfica e da selecção portuguesa – contudo, argumentam que “ele é da Mafalala, é moçambicano”. Aquela casa é um lugar da memória e é por isto e muito mais que julgo importante viajar um pouco sobre os devaneios da memória e, neste processo, contemplar de forma objectivamente subjectivada a casa de Eusébio como um lugar da memória.

A digressão mnemónica que farei, seguindo as trilhas perspectivadas por Hall (1997, como citado por Peralta, 2007), quando concebe memória como um sistema de representação, permite criar uma imagem do passado que corresponda a quadros de significação do presente. E são estes quadros de referência, na perspectiva de Hall, que nos dizem o que, em cada momento, deve ser recordado e o que deve ser esquecido, fornecendo uma “ética” feita de recordação e esquecimento. Para a percepção destas falas, apreendidas sobre Eusébio e a tendência para a sua imortalização, em lugares designados de memória, julgo ser importante partir: (a) das concepções sobre memória colectiva, sustentadas por Maurice Halbwachs (1968); (b) passando pela abordagem da memória popular, com cunho ideológico, defendida por Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1983); para, finalmente contemplar, (c) a memória como sistema cultural, operacionalizando a transição, de uma concepção funcionalista da cultura para uma aceção de cultura com dimensão simbólica, sustentada por Clifford Geertz (1973).

Portanto, é com base nesta aceção funcionalista de cultura com dimensões simbólicas, patente nos feitos de Eusébio, geracionalmente e retroactivamente veiculados pelos seus amigos de infância, que dão vida à sua memória e julgo viabilizarem alicerces sólidos para a compreensão da sua casa como um suporte e veículo de uma memória flutuante.

Maurice Halbwachs¹ foi o primeiro académico a introduzir o termo memória colectiva, acreditando que a sua função primordial era a de promover um laço de filiação entre membros de uma comunidade. Este laço, acreditava Halbwachs, contribuía para que os membros de uma determinada comunidade desenvolvessem uma memória do seu próprio passado colectivo, responsável pela construção de sua identidade singular. Deste modo, confere-se identidade a quem recorda porque, no fundo, cada ser humano é identificado pelo conjunto de suas memórias.

Halbwachs (1968), que inaugurou a concepção de memória como um fenómeno colectivo, em detrimento do individual, argumentou que

a memória tem como função principal, promover um laço de filiação entre membros de um determinado grupo, com base no seu passado colectivo. Esta perspectiva, lhe traz alguma ilusão de imutabilidade, ao mesmo tempo que cristaliza os valores do grupo, que as memórias se referem, advogando que é na sociedade que os indivíduos adquirem suas memórias; todos grupos sociais desenvolvem uma memória do seu próprio passado colectivo e que, essa memória, é indissociável da manutenção de um sentimento de identidade, que permite identificar e distingui-los dos demais. (p. 45)

Não obstante, e apesar de Maurice Halbwachs ter sido pioneiro na abordagem da memória, incidindo sobre aspectos colectivos em detrimento dos individuais, ele negligenciava, por um lado, o facto de as memórias sociais serem produto de construções

¹ Halbwachs foi em muito influenciado por Émile Durkheim quando fez uso das noções deste sobre solidariedade mecânica e consenso moral.

políticas deliberadas e, por outro, que as construções mnemónicas encenadas pelos Estados são, muitas vezes, incoerentes com a ordem social. Esta ideia, ausente em Halbwachs, de uma abordagem política do fenómeno memória, foi preenchida por Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1983), quando advogaram que a “invenção estratégica da imagem do passado, servia os interesses da classe dominante” (p. 8). E que esta invenção elucidava, de facto, quem realmente construía e se beneficiava desta construção ideologizada da memória. Segundo estes dois autores, esta perspectiva procura analisar quem de facto controla ou impõe o conteúdo da memória social e, de que forma esta memória, socialmente imposta, serve os propósitos actuais dos poderes instituídos.

Ideologicamente, selecciona-se do passado o que de importante interessa ao poder instituído e veicula-se e vicia-se a construção de um presente, que se pretende e se julga servir os seus interesses. Este processo, muitas vezes impreciso, porque subjectivo, outras polémico porque deslocado da dialéctica comunitária, materializa-se de formas diversas entre elas, aquela que, segundo Henry Bergson (1986, como citado em Peralta, 2007), é feita de forma dual, tendo, por um lado, a memória-hábito que remete para a repetição e para acção e, por outro, a memória-imaginação, conectada a processos de invenção e simulação.

Contudo, esta perspectiva política da visão da memória, como um espaço social de instrumentalização político-ideológica, com negociações entre o topo e a base, ignorava o facto de a relação entre passado e presente ser mais complexa. Esta complexidade advém do facto de a memória ser um sistema cultural de atribuição de significados, que se produz ao longo do tempo. Portanto, ao relacionar eventos do passado e do presente, a memória é parte integrante dos mecanismos de atribuição de significados, próprios da cultura (Crane, 1994). Para Crane (1994),

esta centralidade na memória, em detrimento do estudo das estruturas sociais e dos sistemas normativos, veio enfatizar mais o estudo da prática, expandindo a noção funcionalista da cultura como um conjunto de normas, valores e atitudes, para uma aceção da cultura com dimensão simbólica, constitutiva de todos os processos sociais. (p. 23)

Assim sendo, e tomando por referência a aceção simbólica da cultura, forjada por Geertz, em *The Interpretation of Cultures* (1973), segundo a qual “a cultura é definida como uma organização de padrões simbólicos, através dos quais a experiência individual adquire significado colectivo e que, também a memória pode ser considerada um sistema cultural articulado de atribuição de significados” (p. 56).

Assim, a construção do presente, com base em reminiscências do passado, que é feita pelos amigos de infância de Eusébio, que nós tivemos a oportunidade de apurar a partir de entrevistas semi-estruturadas, embora assentando sempre em quadros de significação e em contextos culturais específicos, não deixa, também, de estar moldada pelas experiências emocionais e pelas expectativas pessoais de cada indivíduo. Porque, na verdade, a forma como estes veem o passado corresponde ao mapa conceptual do seu grupo geracional comunitário local e é com base neste seu mapa

conceptual que estes indivíduos determinam, não apenas o que em cada momento deve ser recordado ou deve ser esquecido, como também, e sobretudo, organizam suas experiências individuais, conferindo-lhes uma significação colectiva. Este ponto de contacto, entre as diferentes subjectividades, veiculadas sobre Eusébio e sobre os lugares por onde ele viveu e morou, sobretudo, a sua casa ou ruínas que ainda sobram dela, permitem-nos vislumbrar este lugar em três dimensões, qual sejam sua materialidade, simbolismo e funcionalismo, outrora já configuradas, como constitutivas dos lugares de memória, por Pierre Nora (1993, p. 21).

Nora (1993), quando os definiu como lugares de memória, por contemplarem aquela tridimensionalidade, argumentou que conseguem, com estes atributos, “estender uma história regada de cumplicidade, significações, afectividade, pertencimento ou simplesmente, com alma” (p. 23). Com efeito, a forma como os nossos entrevistados se referiram ao passado de Eusébio, ligando-o à sua casa ou ruínas dela, com consciência, convicção e sobretudo cumplicidade, demonstra que aquilo que contavam sobre Eusébio era também a sua própria história. Uma história que resulta do mesmo chão que os viu nascer, da cumplicidade e inocência infantil, que funciona como que um veículo cúmplice unindo todos aqueles que o admiram, servindo como que um elemento integrador.

Portanto, a importância abstracta daquele lugar, que coisifica simbolicamente um lugar de memória, acredito funcionar como que um suporte e veículo de uma memória flutuante.

A Casa de Eusébio: Um Lugar de Memória Flutuante

Aquele lugar, onde que nós pretendíamos fotografar e filmar, constitui as ruínas da quarta casa em que Eusébio habitou, no bairro da Mafalala. Depois de abandonarem a primeira, que não era propriedade da família, passaram por mais três casas sendo a última aquela que Eusébio comprou com o dinheiro do primeiro contrato de futebolista profissional, no Sport Lisboa e Benfica.

A casa encontra-se em ruínas, mas o lugar continua sendo recordado, protegido e preservado, mesmo sem uma existência concreta que objectifique sentido e a simbologia do lugar. Esta projecção simbólica, da imaterialidade daquele lugar, evidencia que a notoriedade e projecção internacional que Eusébio alcançou ao espreitar os píncaros das luzes de ribalta do futebol europeu e mundial, quando jogador do Sport Lisboa e Benfica e da selecção das quinas, também resultou do chão do bairro que o viu nascer, como também, e principalmente, do legado da cumplicidade e inocência dos amigos e brincadeiras de infância, testemunhado por Alfredo Chinavane, a 2 de agosto de 2016, seu amigo de infância:

Eusébio andava a treinar ali no Campinho, próximo da cantina dos Machinas. Agora, ele pensou que para entrar no clube grande, o que ele pode fazer? Ele foi sozinho ali no Clube Desportivo, pedir para treinar. Depois Clube Desportivo começou a olhar ele, olhar as pernas e disse – epá, aqui não entra preto sem

sapatos. E saiu, foi ao Ferroviário – pediu treinar no Ferroviário e o Ferroviário disse – não entra aqui, preto...

Agora, ele veio aqui falar com Madhala Gaíza (o melhor jogador do mundo...) e disse-lhe – eu queria treinar – como é que eu posso fazer para conseguir isto? O Madhala Gaíza disse, vamos no meu clube, no Sporting. Foi com Madhala Gaíza no Sporting e ele chegou lá, falou com dr. Tubo... - Dr. Tuboo...e este disse está bem, entra aqui – ó miúdo, entra aqui para agente ver...

Eusébio quando entrou marcou 2 golos - Dr. Tuboo tirou 20 escudos – toma-lá rapaz, amanhã vem heim, ouviu? Sim, sempre yaa, ia treinar lá... sempre quando vem, treinam e saem com 20 escudos na mão.

Ok, viu que o rapaz é bom, puchou logo na sénior, os grandes – jogo contra o Sporting e Ferroviário... [risos] foi dar 8 zero... [risos] eu não me esqueço esse jogo... foi dar 8, Eusébio ao Ferroviário... [risos].

A casa que ele comprou, com o dinheiro do primeiro contrato como futebolista profissional, apesar de hoje encontrar-se em ruínas, constitui uma espécie de veículo cúmplice do seu passado que une todos aqueles que o admiram, como herdeiros da criação. A popularidade que conquistou e o auge que atingiu, imortalizados na Mafalala pelos seus amigos de infância, transitam gerações configurando como que um símbolo unificador e até uma espécie de referência de integração para aqueles que o conheceram e sobretudo para os mais novos. A sua casa ou ruínas desta, partindo da memória colectiva veiculada sobre seus feitos, ganhou significado prático e existência simbolizada pelo lugar, mesmo que abstractamente. A imaterialidade do lugar, coisificada na memória de Eusébio, que vagueia pelos becos, ruas e labirintos do bairro da Mafalala e arredores e não só, traz o seu passado até ao presente, recria-o ao mesmo tempo que o projecta no futuro:

estava gente de Lisboa e gente daqui e olharam Eusébio. Então, ele fez contrato com o Sporting e foi... quando foi para Lisboa, o Benfica roubaram – roubar o... roubou Benfica... Eusébio – foi para lá, clube dele. Sporting chega enquanto o rapaz já foi, fez uma grande confusão, mas bom, ficou calado. Então, 1º jogo... lá Lisboa Eusébio, jogar com Atlético da Inglaterra – deram 3 golos do Eusébio, 3x0 de Eusébio. E... então... lá... quando ganhou 3x0 sim, depois vem o Benfica para jogar o homem aqui na sua terra – foi pagar ao Sporting – sabes quanto é que ele pagou ali? Pagou 700 contos, na altura era muito dinheiro e então levou 400, é aquele que fez aquele estádio de Basketebol², 300 fez despesas da casa.

Agora, saiu veio prá qui, alí casa de Eusébio quer pagar o mãe, deu...deu...dinheiro quanto é que deu? Deu...porque era 100, 100... contou até 2000 – 100,

² A referência indica o pavilhão de basquetebol do clube desportos da Maxaquene, situado na zona baixa da cidade de Maputo, construído com verbas ganhas pelo Eusébio, quando assinou o seu primeiro contrato, como futebolista profissional, no Sport Lisboa e Benfica, de Portugal.

100, 100 – a mãe diz ehh chega...chega e prontos...recolheu e foi embora...
(Alfredo Chinavane, entrevista pessoal)

A memória de Eusébio, abstractamente presente em todos os locais por onde ele deixou sua marca no bairro e, principalmente, naquele lugar que fora sua residência, funciona como um elo para interpretação do passado porque, no fundo, esta memória é a voz e a imagem dos seus feitos. A casa de Eusébio ou ruínas desta, simboliza uma espécie de lugar de memória dos seus moradores e não só, porque a memória contribui significativamente para a transformação de um espaço num lugar, quando regista a herança cultural, passando-a para as mais diversas identidades, espalhadas pelo bairro, no seu todo. Não obstante, e objectivamente falando, é evidente que o passado evocado sobre Eusébio, e seus feitos, universalmente consagrados, é diferente dos eventos decorridos. Contudo, esta operação é antes uma interpretação criativa e plástica que permite preencher a distância que medeia a experiência e a recordação, convertendo o passado em memória (Peralta, 2007), não sendo o passado o mesmo que a memória, tem de ser articulado para ser memória (Huysen, 1995, como citado em Peralta, 2007, p. 16).

Portanto, evocar subjectivamente o passado é dizer, à nossa maneira, sobre o que passou. Esta convocação do passado, uma atitude consciente e consequente, ao conectar a experiência e a recordação constitui um exercício de conversão do passado em memória. E é esta memória, resultado de uma articulação do passado, que nos interessa, que representa o exercício funcional da cultura e, neste caso em análise, simboliza traços e marcos de e sobre Eusébio, com fundamentos de coesão e identidade.

Conclusão

A casa de Eusébio, ou ruínas que ainda sobram dela, enquadra-se dentro da perspectiva veiculada como um lugar de memória, por constituir um sítio real, imaginário, material ou imaterial, que possui carácter compensatório. A memória da casa de Eusébio, que interliga o passado, presente e o futuro, compensando ausência material com imaterialidade coisificada pelos feitos legitimados, é, também, parte integrante dos mecanismos de atribuição de significados, próprios da cultura.

A projecção mnemónica de Eusébio, a partir das ruínas que ainda sobram da sua casa, resulta do facto de seus feitos, ligados à grande estrela de futebol mundial, serem assumidos e partilhados, como resultado de nuances que coseram o tecido social de outrora da Mafalala, por ele e por todos aqueles que, com ele, jogaram, gritaram e sonharam.

O património cultural imaterial, coisificado nas ruínas da casa de Eusébio, vive, continuamente, pela cumplicidade partilhada dos seus feitos, entre membros residentes de outrora no bairro e a projecção que estes injectam para a mocidade de hoje.

Referências

- Crane, D. (1994). *The sociology of culture: Emerging theoretical perspectives*. Wiley-Blackwell.
- Geertz, C. (1973). *The interpretation of cultures*. Basic Books.
- Halbwachs, M. (1968). *Património, memónio e identidade. Texto base: A memória colectiva*. Presses Universitaires de France.
- Hobsbawn, E., & T. Ranger. (1983). *The invention of tradition*. Cambridge University Press.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto História, 10*, 7-28.
- Peralta, E. (2007). Abordagens teóricas ao estudo da memória social: Uma resenha crítica. *Arquivos da Memória, (2)*, 4-23.